

Momento Feminino



ATIVIDADES FEMININAS

GRANDE MOVIMENTO EM TODO O PAÍS PELA LIBERTAÇÃO DE MARINETE E JEAN

INÚMEROS telegramas, abaixo-assinados e mensagens têm sido enviados, de todos os cantos do país, ao Supremo Tribunal Federal, a favor da imediata libertação das duas partidárias da paz Maria Afonso Lins e Jean Sarkis.

Recebemos em nossa redação cópia dos seguintes:

IGUATU, Ceará — de Francisca Barbosa da Silva; ARARAQUARA, São Paulo — de Antonio Pedroso Pinto Filho, Clóvis Moura e mais 154 assinaturas; BELO HORIZONTE, Minas Gerais — abaixo-assinado com 14 assinaturas de senhoras presentes a uma comemoração do dia 8 de março.

PROTESTAM AS MULHERES CONTRA O ACÓRDO DE GUERRA

De UBERLÂNDIA, com 45 assinaturas, foi enviado à Câmara de Deputados um abaixo-assinado de protesto contra o recente acórdão militar assinado pelo governo do Sr. Getúlio Vargas com os EE. UU.

Também o CONSELHO DE PAZ FEMININO DO RECIFE, Pernambuco, e a União Feminina de Casa Amarela, de Recife, enviaram à Câmara Federal mensagens semelhantes.

FUNDADA NOVA UNIÃO FEMININA

Comunica-nos a Federação de Mulheres do Ceará a fundação da União Feminina de Antonio Bezerra, bairro da Capital (Fortaleza). É a seguinte a diretoria da nova organização: Presidente — Doraci Chaves Rodrigues; Secretária — Rita de Cássia Rodrigues e Tesoureira — Maria da Espectação. Foi realizada uma festinha, no dia da posse dessa diretoria.

PROSEGUE INTENSA A LUTA CONTRA A CARESTIA

A ASSOCIAÇÃO FEMININA DO DISTRITO FEDERAL realizou, com grande êxito, uma concentração diante do Palácio do Catete, no dia 14 de maio p. passado, a fim de entregar ao Sr. Presidente da República um memorial em que exigia a baixa imediata dos gêneros de primeira necessidade, seguido de mais de 5 mil assinaturas. Carregando inúmeras faixas e cartazes, a enorme comissão presente, com mais de uma centena de mulheres, embora não fosse recebida pessoalmente pelo Sr. Getúlio Vargas, que mais uma vez se negou a atender a um apelo popular, desfilou diante do Palácio, arrancando aplausos e adesões de todos os populares.

COMITÊ INFANTIL NO CEARÁ

Foi fundado no dia 6 de abril, um comitê infantil no bairro do Campo do Pio, na capital do Ceará. Em meio a uma animada festa, foi eleita uma diretoria, composta por 4 senhoras do bairro, para dirigir os trabalhos do comitê. Nêle ingressaram 42 crianças, naquele mesmo dia, as quais ouviram a palavra da representante da União da Mocidade Alencarina e de D. Bárbara Feitosa, secretária da Federação de Mulheres do Ceará.

Parabens aos amiguinhos de Campo do Pio!

JA' TENHO 4 MIL ASSINATURAS

Joana Cezário de Oliveira, uma jovem de 14 anos de idade, da cidade de Bauru (S. Paulo), escreve-nos uma cartinha dizendo o seguinte:

"Eu já tenho 4.000 assinaturas pela paz, coletadas por mim mesma.

Em dois meses, consegui mil assinaturas. Aqui em Bauru estamos muito bem na coleta de assinaturas por um Pacto de Paz"

E termina, exclamando: PAZ, sim! GUERRA, NÃO!

A União Feminina de Pedro Ernesto e Ramos, no Distrito Federal, realizou uma interessante mesa redonda sobre a carestia, que contou com a presença de dois representantes da COFAP.

COMEMORADO O «DIA DAS MÃES»

A ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DE PERNAMBUCO festejou o dia dedicado às mães, segundo domingo de maio, realizando em sua sede uma conferência da Dra. Abigail Braga, que contou com grande número de presentes. A comemoração incluiu também o oferecimento de flores e doces às mães presentes.

IMPORTANTE ASSEMBLÉIA NA FEDERAÇÃO DE MULHERES DE SÃO PAULO

No dia 17 de maio foi realizada na sede da FMESP uma importante assembléia, com a presença de dezenas de delegadas de vários municípios do interior do Estado, na qual foram discutidas de maneira entusiástica as atividades dos núcleos em defesa dos direitos da mulher, da infância e da paz.

Após amplos debates, foi eleita a nova diretoria da Federação, que ficou assim constituída: Presidente — Eunice Catunda; Vice-Presidente — Adelaide Fialho; Secretária Geral — Alicinha Saraiva; 1ª Secretária — Edith Cardoso da Costa; 2ª Secretária — Lídia Toscano de Brito; 1ª Tesoureira — Eleta Brant e 2ª Tesoureira — Maria Bevilacqua. Foram organizados também vários departamentos, que desenvolverão os trabalhos da FMESP.

1º CONGRESSO DAS MULHERES SERGIPANAS

Acaba de ser fundada, no mês de abril, a Associação Feminina do Sergipe, que convocou, para o dia 25 de maio, o primeiro congresso estadual feminino, a fim de debater os problemas que mais afligem as mulheres daquele estado e de como melhor se organizarem para dar-lhes solução.

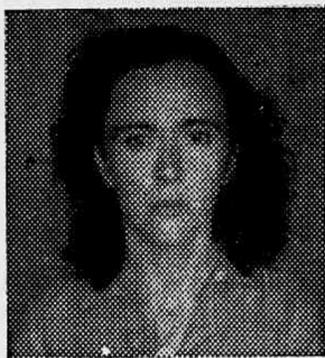
Tal fato constitui um acontecimento marcante para o desenvolvimento do movimento feminino organizado no Brasil. «MOMENTO FEMININO» saúda a nova organização e seu 1º conclave e augura-lhe êxitos em suas atividades.

PASSEATA DE PROTESTO CONTRA A CARESTIA

A FEDERAÇÃO DE MULHERES DO ESPÍRITO SANTO realizou no dia 29 de abril uma passeata de protesto contra a carestia, após a entrega de um memorial ao prefeito. As mulheres ostentavam faixas, com dizeres expressivos, entre os quais: «Mais carne e menos canhão».

SOCIAIS

ANIVERSÁRIOS:



Ana Cardoso

Dia 30 de março

Celso Antônio Alvarez, filho do casal Antônio Alvarez e Eugênia de Oliveira Alvarez, amigos e leitores de nosso jornal, completou 4 anos.

Dia 18 de abril

A Sra. Ana Ribeiro Cardoso, nossa leitora de Aracaju Sergipe, completou mais um ano de existência.

Dia 28 de fevereiro

Osmar Agostinho Filgueira, de 20 anos, filho de amigos da capital de S. Paulo.



Vosmar Filgueira

CASAMENTO:

Casaram-se no dia 24 de maio os jovens Partidários da Paz, Osmarina Barreto e William Mota. Osmarina é filha de nossa representante em S. João de Meriti, Dautá Barreto. Aos noivos, sinceros parabens de Momento Feminino.

NASCIMENTOS

Dia 12 de março

Nossa querida amiga Talitha Avelino, representante em Rio

Grande, R. G. do Sul, viu seu lar enriquecido com o nascimento de um filhinho, que se chamou Carlos.



Acha-se enriquecido o lar da nossa diretora, Dra. Arcelina Mochel Goto, e de seu espôso Dr. Masao Goto, com o nascimento de uma linda garotinha que recebeu o nome de Maria Ercília.

Também a nossa redatora Ana Montenegro e seu espôso, Sr. Alberto Carmo, estão com seu lar em festas, com o nascimento de um robusto garoto, que se chamará Alberto Miguel.

ENFERMAS

Nossa amiga Sstela Oliveira, residente no Distrito Federal, encontra-se internada na Maternidade Escola, à rua das Laranjeiras 180, onde pode receber visitas às quintas-feiras e domingos, das 12 às 14 horas.

Maria das Mercedes Miranda, amiga de nosso jornal no Distrito Federal, está internada no Hospital São Francisco de Assis, à Av. Presidente Vargas, na Sala de Operações dos Olhos. Pode ser visitada às quintas e domingos, das 14 às 16 horas.

«Momento Feminino», formula votos de pronto restabelecimento a essas duas amigas.

MOMENTO FEMININO



Grupo de servidores que participaram entusiasticamente da concentração no Catete

Como Viver com Cr\$ 1.500,00?

O FUNCIONALISMO FEDERAL E AUTÁRQUICO ORGANIZA-SE NA CAMPANHA PELO AUMENTO DE SALÁRIOS — CRIADO O DEPARTAMENTO FEMININO — CONCENTRAÇÃO DO FUNCIONALISMO — FALAM AS FUNCIONÁRIAS

NO dia 13 de maio, no Liceu Literário Português, encerrando a primeira fase da Campanha Pró-Aumento de Vencimentos, reuniu-se em grande assembléia a Comissão Executiva dos Funcionários Públicos e Autárquicos à qual compareceram mais de mil funcionários.

Foi criado o Departamento Feminino que assim ficou constituído: Iza Campos — Presidente; Matilde Garcia Amado — Vice-presidente; Lúcia Grillo — Tesoureira; Lidia Pereira — Organização; Matilde Amado é a atual presidente, em exercício.

Procuramos Iza Campos e perguntamos qual a necessidade da criação desse Departamento:

— Não é justo que em muitos locais de trabalho as mulheres constituam a maioria dos servidores e se conservem afastadas do movimento pró-aumento de salários.

Efetivamente. No Distrito Federal, só no Ministério do Trabalho há 1.043 funcionárias e, no Brasil, 302.779 industriárias que representam realmente uma força que só agora começa a reagir.

Maria Nazareth, com toda sua beleza e vivacidade, é uma prova do que afirmamos. Presidente da Comissão do I. A. P. L. anima todas as reuniões com a convicção, formada na luta, de que serão vitoriosas em sua campanha.

Lúcia Grillo, infatigável nas longas caminhadas através os jornais, providencia também a confecção dos volantes:

— E' preciso que todas as mulheres compareçam no dia 3 de junho, às 13 horas, ao Catete para a entrega do substitutivo Lício Hauer. As esposas dos funcionários e as pensionistas não devem faltar pois as mulheres são as mais sacrificadas com o aumento crescente do custo de vida e os salários baixos. A gente vai para a feira na esperança de trazer qualquer coisa para casa e quando volta, deixou todo o ordenado e não tem o que comer.

Vamos realizar um Concurso para escolher a «Rainha das Funcionárias». Isso dará um grande impulso à nossa campanha — finaliza Lúcia.

Não é sem base o que afirma Lúcia. Sabemos que o Brasil estava e está em primeiro lugar no aumento do custo de vida, estando a Índia em décimo lugar.

Lidia Pereira, jovem e serena, procura organizar as mulheres unidas pelo mesmo interesse, aumento de salários para uma vida mais digna para sua família:

— Iremos aos Ministérios e Institutos e as comissões locais escolherão suas representantes junto ao Departamento Feminino. Reforçaremos as comissões estaduais porque em muitas cidades do interior o alto custo da vida é agravante.

Lena Glycie, representante da Associação Feminina do Distrito Federal, esclarece:

— Um funcionário pode comprar apenas um terço das mercadorias que adquiria há 37 anos atrás. O último censo acusou 54.000 funcionários titulados, 45.000 diaristas, 40.000 mensalistas, 6.000 tarefeiros e mil contratados, ou sejam, ao todo, 146.000, dos quais 35.000 localizados no Distrito Federal. 80% pertenciam aos padrões de A a F (1.200 a 1.900 cruzeiros) e às suas correspondentes referências numéricas, e APENAS 2% nos padrões de K a O (11% do total da Despesa). As despesas com os funcionários são bem menores do que as imaginamos e cada vez pesam menos no conjunto das despesas do pessoal da União. 600.000 efetivos desse importante grupo social vêm sofrendo rudemente os efeitos da baixa de salário real, como nos informa «Conjuntura Econômica». Daí a necessidade do aumento imediato de salários.

Deixamos as funcionárias, atentas aos seus trabalhos, umas no trabalho de secretaria, outras providenciando cartazes, faixas e volantes, outras arrecadando o dinheiro necessário ao material gasto na campanha, nos telegramas, nos boletins que informarão os servidores do prosseguimento vitorioso da campanha.

Sentimos que começa a vibrar a mulher brasileira reagindo enérgicamente, mesmo nas camadas menos empobrecidas, contra a miséria e a fome nos seus lares, em defesa de uma vida melhor para seus filhos.

Vidas Sêcas

Romance de Graciliano Ramos

CAPÍTULO VII

INVERNO

A FAMÍLIA estava reunida em torno do fogo, Fabiano sentado no pilão caído, sinha Vitória de pernas cruzadas, as coxas servindo de traveseiros aos dois filhos. A cachorra Baleia, com o traseiro no chão e o resto do corpo levantado, olhava as brasas que se cobriam de tintas.

Estava um frio medonho, as goteiras pingavam lá fora, o vento sacudia os ramos das catingueiras e o barulho do rio era como um trovão distante.

Fabiano esfregou as mãos satisfeito e empurrou os tições com a ponta da alpercata. As brasas estalaram, a cinza caiu, um círculo de luz espalhou-se em redor da trempe de pedra, clareando vagamente os pés do vaqueiro, os joelhos da mulher e os meninos deitados. De quando em quando estes se mexiam, porque o lume era fraco e apenas aqueciam pedaços deles. Outros pedaços esfriavam recebendo o ar que entrava pelas rachaduras das paredes e pelas gretas da janela. Por isso não podiam dormir. Quando iam pegando no sono, arrepiavam-se, tinham precisão de virar-se, chegavam-se à trempe e ouviam a conversa dos pais. Não era propriamente conversa: eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade, nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: iam exibindo as imagens que lhes vinham ao espírito, e as imagens sucediam-se, deformavam-se, não havia meio de dominá-las. Como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto.

Fabiano tornou a esfregar as mãos e iniciou uma história bastante confusa, mas como só estavam iluminadas as alpercatas dele, o gesto passou despercebido. O menino mais velho abriu os ouvidos, atento. Se pudesse ver-lhe o rosto, compreenderia talvez uma parte da narração, mas assim no escuro a dificuldade era grande. Levantou-se, foi a um canto da cozinha, trouxe de lá uma braçada de lenha. Sinha Vitória aprovou este ato com um rugido, mas Fabiano condenou a interrupção, achou que o procedimento do filho revelava falta de respeito e estirou o braço para castigá-lo. O pequeno escapuliu-se, foi enrolar-se na saia da mãe, que se pôs francamente ao lado dele.

— Hum! Hum! Que brabeza!

Aquêlê homem era assim mesmo, tinha o coração perto da goela.

— Estourado.

Remexeu as brasas com o cabo da quenga de côco, arrumou entre as pedras achas de angico molhado, procurou acendê-las. Fabiano ajudou-a: suspendeu a tagarelice, pôs-se de quatro pés e soprou os carvões, enchando muito as bochechas. Uma fumarada invadiu a cozinha, as pessoas tossiram, enxugaram os olhos. Sinha Vitória manejou o abano e, passado um minuto, as labaredas espirraram entre as pedras.

O círculo de luz aumentou, agora as figuras surgiam na sombra, vermelhas. Fabiano, visível da barriga para baixo, ia-se tornando indistinto daí para cima, era um negrume que vagos clarões cortavam. Dêsse negrume saiu novamente a parolagem mastigada.

Fabiano estava de bom-humor. Dias antes a enchente havia coberto as marcas postas no fim da terra de aluvião, alcançava as catingueiras, que deviam estar submersas. Certamente só apareciam as fôlhas, a espuma subia, lambendo ribanceiras que se desmoronavam.

Dentro em pouco o despotismo d'água ia acabar, mas Fabiano não pensava no futuro. Por enquanto a inundação crescia, matava bichos, ocupava gretas e várzeas. Tudo muito bem. E Fabiano esfregava as mãos. Não havia o perigo da sêca imediata, que aterrorizara a família durante meses. A catinga amarelecera, avermelhara-se, o gado principiara a emagrecer e horríveis visões de pesadelos tinham agitado o sono das pessoas. De repente um traço ligeiro rasgara o céu para os lados da cabeceira do rio, outros surgiram mais claros, o trovão roncara perto, na escuridão da meia-noite rolaram nuvens cor de sangue. A ventania arrancara sucupiras e imburanas, houvera relâmpagos em demasia — e sinha Vitória se escondera na camarinha com os filhos, tapando as orelhas, enrolando-se nas cobertas. Mas aquela brutalidade findara de chofre, a chuva caíra, a cabeça da cheia aparecera, arrastando troncos e animais mortos. A água tinha subido, alcançando a ladeira, estava com vontade de chegar aos juazeiros do fim do pátio. Sinha Vitória andava amedrontada. Seria possível que ela topasse os juazeiros? Se isto acontecesse, a casa seria invadida,

os moradores teriam de subir o morro, viver uns dias no morro, como preás.

Suspirava, aticando o fogo com o cabo da quenga de côco. Deus não permitiria que sucedesse tal desgraça.

— Ahn!

A casa era forte.

— Ahn!

Os esteios de arceiras estavam bem fincados no chão duro. Se o rio chegasse ali, derrubaria apenas os torrões que formavam o enchimento das paredes de taipa. Deus protegeria a família.

— Ahn!

As varas estavam amarradas com cipós nos esteios de arceira. O arcabouço da casa resistiria à fúria das águas. E quando elas baixas-



sem, a família regressaria. Sim, viveriam todos no mato, como preás. Mas voltariam quando as águas baixassem, tirariam do barreiro terra para vestir o esqueleto da casa.

— Ahn!

Sinha Vitória moveu o abano com força para não ouvir o barulho do rio que se aproximava. Seria que ele estava com intenção de progredir? O abano zumbia e o rumor da enchente era um sopro que esmorecia para lá dos juazeiros.

Fabiano contava façanhas. Começara moderadamente, mas excitara-se pouco a pouco e agora via os acontecimentos com exagêro e otimismo, estava convencido de que praticara feitos notáveis. Necessitava desta convicção. Algum tempo antes acontecera aquela desgraça: o soldado amarelo provocara-o na feira, dera-lhe uma surra de facão e metera-o na cadeia. Fabiano passara semanas capiongo, fantasiando vinganças, vendo a criação definhar na caatinga torrada. Se a sêca chegasse, êle abandonaria mulher e filhos, coseria a facadas o soldado amarelo, depois mataria o juiz, o promotor e o delegado. Estivera uns dias assim, murcho, pensando na sêca e roendo a humilhação. Mas a trovoadá roncara, viera a cheia e agora as goteiras pingavam, o vento entrava pelos buracos das paredes.

Fabiano estava contente e esfregava as mãos. Como o frio era grande, aproximou-as das labaredas. Relatava um fusuê terrível, esquecia as pancadas e a prisão, sentia-se capaz de atos importantes.

O rio subia a ladeira, estava perto dos juazeiros. Não havia notícia de que os houvesse atingido — e Fabiano, seguro, baseado nas informações dos mais velhos, narrava uma briga de que saíra vencedor. A briga era sonhos, mas Fabiano acreditava nela.

(Conclui no próximo número)

MOMENTO FEMININO



Flagrantes da sessão plenária da Conferência Internacional de Defesa da Infância, realizada de 11 a 16 de abril em Viena. Ao lado, a senhora Mônica Felton, delegada inglesa que visitou recentemente a Coréia, em palestra com a representante do Sudão.

Conferência Internacional de Defesa da Infância

MILHÕES DE CRIANÇAS NECESSITAM DE AUXÍLIO

○ PROFESSOR Nicola Perrotti, professor de Psicologia da Universidade de Roma, informou, entre outras coisas:

Na Tunísia, o tracoma causa inúmeras vítimas entre as crianças — 53% da mortalidade em Labes e 97% em Tozeur.

No Egito, 60 de cada 100 pessoas são vítimas da malária. No Irã, 65% da população é tuberculosa e 70% sífilítica e tracomosa. Na Índia, 806.260 crianças morrem antes de atingirem um ano de idade e 1.523.250, nos primeiros quatro anos de vida.

Na América do Sul, a mortalidade infantil se eleva a 250/mil entre a população negra, 120/mil entre os mestiços e 36/mil entre os brancos (senão, em muitos lugares, mais elevada ainda).

Na Espanha, 75% das crianças são tuberculosas. Nos arredores de Madrid, centenas de crianças vivem em cavernas e muitas não são capazes de falar e andar até 4 anos de idade.

UM MÉDICO PARA 10.000 DOENTES NO SUDÃO

As Sras. Fatme Mohamed e M. Tahir, delegadas do Sudão, frisaram inicialmente que seu país se encontra sob ocupação britânica. No sul do Sudão existem dois milhões de habitantes nus e entre várias tribos reina a fome.

Somente 1% da população recebe assistência médica, havendo apenas um médico para 10.000 habitantes. Apenas 2% das crianças recebem instrução primária. Crianças de 5 e 6 anos são obrigadas a trabalhar.

A maior parte do orçamento do Estado é destinada à construção de aeródromos e à formação de um exército de defesa.

A Sra. Mohamed declarou que era aquela a primeira vez que de-

DE 12 A 16 DE ABRIL DO CORRENTE ANO REALIZOU-SE, EM VIENA, UMA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE DEFESA DA INFÂNCIA. DELA PARTICIPARAM MAIS DE 500 DELEGADOS, DE 60 PAÍSES. OU VIU-SE ENTÃO, PELA VOZ DOS DELEGADOS DOS MAIS DIFERENTES PAÍSES, A DESCRIÇÃO DE COMO VIVEM AS CRIANÇAS EM CADA LUGAR. É DAS INTERVENÇÕES DESSES DELEGADOS QUE DAMOS ABAIXO ALGUNS TRECHOS, QUE DESTACAM OS ASPECTOS MAIS GRITANTES DE CADA SITUAÇÃO

legados sudaneses participavam de uma conferência internacional.

100.000 ÓRFÃOS DEPOIS DA GUERRA

A Sra. Sylvi Kilpi, presidente do Comitê Nacional da Infância da Finlândia, informou que nos anos de após-guerra verificou-se que 90% das crianças do norte e leste de seu país eram raquíticas e de que 6 a 8% dos escolares eram subalimentados.

Depois da guerra havia cem mil órfãos de menos de 16 anos, ou seja, 2,5% da população. Muitas escolas e hospitais foram destruídos. Graças à União Soviética, a Finlândia ficará isenta do pagamento de metade da sua dívida de guerra, o que facilitará a reconstrução.

TRÁFICO DE CRIANÇAS NA SÍRIA

A Sra. Mouna Fuad, membro do Comitê Executivo pela Defesa da Maternidade e da Infância, apresentou um quadro emocionante sobre a trágica situação da infância em seu país, onde a taxa da mortalidade atinge a 40% das crianças.

Existe apenas uma maternidade e um médico para 15 povoações.

Por falta de roupa, 80% das crianças não podem freqüentar escolas, mesmo porque precisam trabalhar. Um dos maiores flagelos do país é o tráfico de crianças. A miséria obriga os pais a venderem seus filhos, devido à impossibilidade de alimentá-los.

ENORME O CARINHO PELA INFÂNCIA NAS DEMOCRACIAS POPULARES

O Professor Perrotti, ainda em seu informe à Conferência, diz que há países onde são feitos grandes esforços para proteger as crianças.

Na Rumânia, em 4 anos (de 1947 a 1951) a mortalidade infantil diminuiu em 50%. Na Bulgária, também diminuiu na mesma proporção. Na China, foram criados numerosos hospitais para mulheres e crianças. Dez mil novas maternidades testemunham os esforços feitos pela democracia popular chinesa nesse terreno.

A assistência à mãe e à criança é particularmente desenvolvida na União Soviética.

DENUNCIADOS OS CRIMES DOS AMERICANOS NA CORÉIA

O Sr. Luigi Cavaliere, vice-presidente da Comissão de Juristas Democratas que visitou a Coréia, fez um comovido discurso. Disse que a Comissão colheu provas irrefutáveis da utilização da arma bacteriológica pelas forças armadas americanas na Coréia e na China. Esses crimes atingem a população civil, incluindo numerosas crianças.

Declarou o Sr. Cavaliere:

"Acusamos, perante esta grande assembléia mundial, as forças armadas americanas de, em um país pacífico, de cultura e de civilização milenar, onde se trabalhava pelo progresso e pela paz, onde as escolas, museus, orfanatos e hospitais eram modernos e em grande número, haverem bombardeado expressamente, sem nenhum objetivo militar, em pleno dia e sob nossos olhos, bem visíveis e identificáveis, esses imóveis, protegidos pelo direito internacional.

"Acusamos as forças americanas de haverem cometido os mais horríveis massacres de mulheres, velhos e crianças, sem razão e sem julgamento."

FAÇA UMA ASSINATURA

Assine «MOMENTO FEMININO», o único jornal feminino democrático, que defende os direitos da mulher e da criança.

Fazer uma assinatura de «MOMENTO FEMININO» é contribuir para o desenvolvimento do nível de cultura da mulher brasileira, reforçando a luta pela paz e a felicidade das crianças.

1 ano	Cr\$ 40,00
6 meses	Cr\$ 22,00
3 meses	Cr\$ 12,00

Envie seus pedidos para nossa redação, em nome de OLGA DUARTE. Rua Evaristo da Veiga 16, Sala 808 — Rio.

COLCHA DE RETALHOS

Conto de MONTEIRO LOBATO

Upa! Cavalgo e parto.

Por estes dias de março a natureza acorda tarde. Passa as manhãs embrulhada num roupão de neblinas e é com espreguiçamentos de mulher vadia que despe os véus da cerração para o banho luminoso do sol.

A névoa esmaia o relêvo da paisagem, desbota-lhe as côres. Tudo parece coado através dum cristal despolido.

Vejo a orla de capim tufada como debrum pelo fio dos barrancos; vejo o roxo-terra da estrada descorar passos adiante; e nada mais vejo senão, a espaços, o vulto gotejante dalguns angiqueiros marginais.

Agora, uma porteira.

Tomo à destra, em direitura ao sítio do José Alvorada.

Este sujeito mora-me a jeito de empreitar um roçado no capoeirão do Bilú, nata de terra que pelas bôcas do caeté legítimo (1) da unha-de-vaca (2) e da caquera (3) está a pedir foice e covas de milho.

Não é difícil a puxada: com cinquenta braças de carreador boto a roça no caminho.

Três alqueires, só no bom. Talvez quatro. A noventa por um — nove vêzes quatro trinta e seis: trezentos e sessenta alqueires de oito mãos. Descontadas as bandeiras (4) que o porco estraga e o que comem a paca e o rato...

Será a filha do Alvorada?

— Bom dia, menina! O pai está em casa?

E' a filha única. Pelo jeito, não vai além de quatorze anos. Que frescura! Lembra os pés de avenca viçados nas grotas noruegas (5). Mas arredia e itê (6), como a fruta do gravatá. Olhem como se acanhou! D'olhos baixos, finge arrumar a rodilha. Veio pegar água a este córrego e é milagre não se haver esgueirado por detrás daquela moita de taquaris, ao ver-me.

— O pai está lá? — insisti.

Respondeu um "está" enleado, sem erguer os olhos da rodilha.

Como a vida do mato asselvaja estas veadinhas! Note-se que os Alvoradas não são caipiras. O velho, quando comprou a situação dos Periquitos, vinha da cidade; lembro-me até que entrava em sua casa um jornal.

Mas a vida lhes correu dura na luta contra terras ensapezadas e sêcas, que encurtam as safras por mais que dê de si o homem. Foram-se rareando as idas à cidade e, ao cabo, de todo se suprimiram. Depois que lhes nasceu a menina, rebento floral em anos outoniços, e que a geada queimou o café novo — uma tamina (7), três mil pés — o velho, amuado, nunca mais espichou o nariz fora do sítio.

Se o marido deu assim em rumbeva, a mulher, essa enraizou de peão para o resto da vida. Costumava dizer: mulher na roça vai à vila três vêzes — uma a batizar, outra a casar, terceira a enterrar.

Com tais casmurricas na cabeça dos velhos, era natural que a pobrezinha da Pingo d'Água (tinha êsse apelido a Maria das Dores) se tolhesse na desenvoltura ao extremo de ganhar mêdo à gente. Fôra uma vez à vila, com vinte dias, a batizar. E já lá ia nos quatorze anos sem nunca mais ter-se arredado dali.

Ler? Escrever? Patacoadas, falta de serviço, dizia a mãe. Que lhe valeu a ela ler e escrever que nem uma professôra, se des'que casou nunca mais teve jeito de abrir um livro? Na roça, como na roça.

Deixei a menina às voltas com a rodilha e embrenhei-me por um atalho conducente à morada.

Que ruinaria!...

Da casa antiga aluíra uma ala, e o restante, além da cumieira selada, tinha o oitão fora do prumo.

O velho pomar, roído de formiga, sucumbira de inanição; na ânsia de sobreviver, três ou quatro laranjeiras macilentas, furadas de broca, sopesando o polvo retrançado da era-de-passarinho, abrolhavam ainda rebentos cheios de compridos espinhos. Fora disso, mamoeiros, a silvestre goiaba e araçás, promiscuamente com o mato invasor que só respeitava o terreirinho batido, fronteiro à casa. Tapera, quase, e, enluradas nela, o que é mais triste, almas humanas em tapera.

Bati palmas.

— O' de casa!

Apareceu a mulher.

— Está sêo Zé?

— Inda agorinha saiu, mas não demora. Foi queimar um mel na massaranduva no pasto. Apeie e entre.

Amarrei o cavalo a um moirão de cêrea e entrei.

Acabadinha, a Sinh'Ana. Tôda rugas na cara — e uma côr... Estranhei isso.

— Doença — gemeu. — Estou no fim. Estômago, fígado, uma dor aqui no peito que responde na corcunda... Casa velha, é o que é.

— Metade é cisma — disse-lhe, para consôlo.

— Eu é que sei! — retrucou-me, suspirando.

Entrementes, surgiu da cozinha uma velhota bem apessoada, no cerne, rija e têsá, que me saudou e:

— Está espantado do jeito de Nhana? Esta gente de agora não presta pára nada... Olhe: eu com setenta no lombo não me troco por ela. Criei a minha neta e inda lavo, cozinho e coso. Admira-se? Coso, sim!...

— Mecê é gabola porque nunca padeceu doença — nem dor-dente!... Mas eu? Pobre de mim! Só admiro de inda estar fora da cova... Ai vem o Zé.

Chega o Alvorada. Ao ver-me, abriu a cara.

— Ora viva quem se lembra dos pobres! Não pego na sua mão porque estou assim... E' só melado. Bonito, hein? Estava difícil, num oco muito alto e sem jeito. Mas sempre tirei. Não é jiti, não! E' mel-de-pau.

Depôs num mocho a cuia dos favos e se foi à janela lavar as mãos sob a cuia d'água que a mulher despejava. Pôs os olhos no mev cavalo:

— Hoje veio no picaço. Bom bicho! Eu sempre digo: animais, aqui no redor, são êste picaço e a ruana do Izé de Lima. O mais é eguada de moenda.

Neste momento entrou a menina de pote à cabeça. Ao vê-la, o pai apontou para a cuia de mel.

— Está aí, filha, o doce da aposta. Perdi, paguei.

Que aposta? Ah! ah! Brincadeira. A gente cá na roça, quando não tem serviço, com qualquer coisa se diverte. Vinha passando um bando de maritacas. Eu disse, à-toa são mais de dez! Pingo negou: não chega lá! Apostamos. Eram nove. Ela ganhou o doce. Doce da roça mel é. Esta songuinha, só vendo, não é o que parece, não!

A loquacidade do Alvorada não desmedrara com o atraso da vida. Em se lhe dando corda, ressurgia nêlo o tagarela da cidade.

Expus-lhe o meu negócio. O homem enrugou a testa e refletiu um bocado, de queixo préso. Depois:

— Eu hoje, franqueza, não valho mais nada. Des'que caí daquela amaldiçoada ponte do Labrego, fiquei assim como quebrado por dentro. Não escoro serviço, e para lidar com camaradas no eito

não basta ter bôca. Sem puxar a enxada de par com êles, a coisa não vai, não! Lembra-se da empreitada do ano retrasado? Pois saí perdendo dinheiro. O tranca do João Mina me quebrou um machado e furtou uma foice. Com êsses prejuízos não livre o jornal.

Desde então fiz cruz em serviços alheios. Se inda teimo neste sapezeiro é por via da menina; senão, largava tudo e ia viver no mato, como bicho. E' Pingo que inda me dá um pouco de coragem — concluiu com ternura.

A velhinha sentara-se à luz da janela e, abrindo uma caixeta, pusera-se a coser, de óculos no nariz.

— Sim, senhora! Com setenta anos!

Sorriu-se, lisonjeada.

— E' para ver. E isto aqui tem coisa! E' uma colcha de retalhos que venho cosendo há quatorze anos, des'que Pingo nasceu. Dos vestidinhos dela, vou guardando nesta caixa cada retalho que sobeja e um dia os coso. Veja que galantaria de serviço!...

Estendeu-me ante os olhos um pano variegado, de quadradinhos maiores e menores, todos de chita, cada qual de um padrão.

— Esta colcha é o meu presente de noivado. O último retalho há-de ser o vestido de casamento, não é, Pingo?

Pingo d'Água não respondeu. Metida na cozinha, percebi que nos espiava por uma fresta.

Mais dois dedos de proca, um cafêzinho ralo — escolha com rapadura — e,

— Está bem — rematei, levantando-me do mocho de três pernas. — Como não pode ser, paciência. Apesar disso, acho que deve pensar um bocado. Olhe que êste ano se setão pagando os roçados a oitenta mil réis o alqueire. Dá para ganhar, não?

— Que dá, eu sei que dá — mas também sei para quem dá. Um perrengue como eu não pensa mais nisso, não. Quando era gente, muitas peguei a sessenta, e não me arrependi. Mas hoje...

— Nesse caso...

Transcorreram dois anos sem que eu tornasse aos Periquitos. Nesse intervalo Dona Ana faleceu. Era fatal a dor que respondia na corcunda. E não mais me aflorava à memória a imagem daqueles humildes urupês, quando chegou aos meus ouvidos o zum-zum corrente no bairro, uma coisa apenas crível: o filho de um sítiano vizinho, rapaz de todo pancada, furtara Pingo d'Água aos Periquitos.

(Conclui na página 10)



Monstruoso Crime Contra a Humanidade

A humanidade assiste estarecida a um dos maiores crimes jamais cometidos em tempos de paz ou de guerra: os invasores norte-americanos empregam a arma bacteriológica na Coreia e na China! Nem mesmo Hitler ousou chegar a esse ponto, temendo a justa cólera dos povos.

Os criminosos procuram ocultar os atos hediondos que praticam. Mas a verdade sempre aparece mostrando ao mundo a face real dos «delensores da civilização cristã e da liberdade».

PROVAS IRREFUTÁVEIS

Além dos vários relatórios apresentados pelas autoridades da Coreia do Norte e da China Popular, há o testemunho de numerosas comissões estrangeiras sobre a guerra bacteriológica que está sendo levada a efeito pelos norte-americanos.

Foram encontrados em diversos lugares, e logo após a passagem de aviões norte-americanos, objetos contendo insetos, penas, fôlhas, etc. contaminados de peste, cólera, tifo, encefalite e outras doenças contagiosas. Tais insetos — moscas, pulgas, aranhas, etc. — jamais foram vistos nessas zonas e muito menos na época do inverno. Foram encontradas penas de aves desconhecidas. Peixes contaminados de cólera foram jogados, por erro de cálculo, sobre montanhas.

VÁRIAS TESTEMUNHAS

Uma comissão de cientistas chineses e coreanos colheu material para estudos e chegou à conclusão de que os insetos e objetos lançados por aviões norte-americanos eram portadores

de graves moléstias contagiosas. Tais insetos, conforme o lugar, época e as condições em que foram encontrados, não podiam ter chegado ali por vias naturais.

Prisioneiros de guerra da Coreia do Sul que se confessaram espíões a serviço dos americanos, declararam que tinham ido à Coreia do Norte para observar os resultados da guerra bacteriológica.

Recentemente, dois aviadores norte-americanos foram presos na China e confessaram ter lançado bombas bacteriológicas sobre território chinês. Essas declarações foram gravadas e irradiadas.

DESRESPEITADOS OS ACORDOS INTERNACIONAIS

Em 25 de junho de 1925, em Genebra, foi assinada solenemente, por grande número de países, a chamada Convenção contra o Genocídio que proibiu expressamente o emprego das armas bacteriológicas e químicas. O representante dos Estados Unidos também assinou essa convenção mas até a presente data não foi ela ratificada pelo Congresso norte-americano.

As autoridades mais responsáveis dos Estados Unidos não se manifestaram contrariamente ao

emprego dessas armas de extermínio em massa; pelo contrário, muitas declarações de altas personalidades civis e militares mostram-se favoráveis ao uso dessas armas proibidas.

Há poucos dias o delegado dos Estados Unidos na Comissão para o Desarmamento da ONU recusou-se a discutir o assunto.

PROTESTEMOS ENÉRGICAMENTE

Diante de fatos tão graves para toda a humanidade, cabe à mulher brasileira o dever de protestar enérgicamente contra esses crimes monstruosos e de exigir que o Governo brasileiro ratifique a Convenção de Genebra.

Exijamos a cessação imediata da guerra bacteriológica para que não corramos o risco de ver nossos filhos vitimados pela peste ou pela cólera! Que o Governo dos Estados Unidos se declare publicamente contra o emprego da arma bacteriológica assinando a Convenção contra o Genocídio!

Enviemos cartas e telegramas à ONU nesse sentido. Façamos abaixo — assinados, questionários, memoriais. Ao Presidente Getúlio Vargas também.

Repetimos aqui as palavras de advertência do Conselho Mundial da Paz: **EXORTAMOS A HUMANIDADE A DEFENDER-SE!**

Mensagem de Eliza Branco

ELISA Branco, a querida heroína da paz brasileira, acaba de lançar um veemente apêlo às mulheres brasileiras: às mães, irmãs, esposas e noivas do Brasil. Apêlo para que, diante do perigo de guerra que paira sobre nossa Pátria, com a assinatura do acordo bilateral entre o Brasil e os EE. UU., as mulheres se unam e exijam a libertação das partidárias da paz que se encontram presas e condenadas por defenderem a vida de seus filhos.

Transcrevemos um trecho emocionante da mensagem de Eliza Branco:

"E' confiante no desejo de Paz de nosso povo, na força da intensa campanha à qual devo minha libertação, que agora me dirijo a esse mesmo povo e, muito especialmente, às mulheres, para pedir-lhes que escrevam ao Supremo Tribunal, enviando abaixo-assinados, telegramas, cartas, a fim de impedir que os juizes manchem o nome da justiça brasileira confirmando a monstruosa condenação de Maria Afonso Lins e Jean Sarquis. E' preciso que se enviem cartas, abaixo-assinados, pedindo amnistia para Margarida e Anna Jimenez, essas verdadeiras patriotas que pagam pela nobre causa de defender o sangue da juventude brasileira e de lutar contra o advento de uma nova carnificina mundial!

Estou certa de que meu apêlo será ouvido. Tudo pela libertação das quatro valorosas combatentes da paz: Maria Afonso Lins, Jean Sarquis, Margarida e Anna Jimenez!

Vivam os Partidários da Paz no mundo inteiro!

São Paulo, maio de 1952.

(ass.) ELISA BRANCO BATISTA."

Dr. Luiz Werneck de Castro
ADVOGADO

RUA DO CARMO, 49 - 2º ANDAR - SALA 25

Diariamente das 12 às 13 e das 16 às 18 horas

EXCETO AOS SÁBADOS

25 DE JUNHO

Jornada Pela Cessação da Guerra na Coreia

○ DIA 25 de junho assinala o 2º aniversário de uma das mais odiosas guerras da história — a guerra contra o povo coreano.

A Federação Democrática Internacional de Mulheres, acaba de lançar, a todas as mulheres e organizações, um apêlo para que reforcem sua luta contra as monstruosas atrocidades cometidas pelos americanos na Coreia e pela cessação imediata dessa guerra cruel.

E' o seguinte o trecho final desse apêlo:

"Com nossa ação, mostremos nossa solidariedade para com as mãos coreanas que, com um valor indomável, há dois anos, participam junto a todo o povo coreano na luta em defesa da independência nacional de seu país, em defesa da vida e felicidade de seus filhos".

"Se não fazemos tudo que estiver ao nosso alcance para deter a guerra, talvez amanhã tenhamos que conhecer o martírio das mães coreanas".

"A FDIM conclama todas as mulheres, todas as organizações,

— a empreender com novo ardor, uma campanha contínua, diária e sem descanso a fim de fazer cessar a guerra microbiana e para exigir a cessação imediata da guerra na Coreia.

— a fazer do dia 25 de junho uma Jornada de ação especial, que eleve a campanha a um nível superior. Que nesse dia, as mulheres do mundo inteiro se unam na vontade de impor a paz.

— a enviar aos seus governos e às embaixadas e legações norteamericanas de cartas e telegramas, de memoriais e delegações.

— a organizar em todos os lugares reuniões e manifestações sob o lema: **"HÁ DOIS ANOS SE DERRAMA SANGUE NA COREIA — MULHERES, MÃES, UNAMO-NOS E ATUEMOS PARA IMPOR A CESSAÇÃO IMEDIATA DA GUERRA"**



Para as tardes frescas, dois elegantes modelos de vestidos: o primeiro, com a sãia em machos e uma linda gola, pode ser feito numa fazenda listrada. A gola é enfeitada com um debrun de outra fazenda, clara ou escura, de acôrdo com o tecido do vestido. O segundo, de uma elegância simples, tem bolsos nos quadris e uma pequena gola, com decote em «V»



Pullouer

LISTRADO

(Para menino ou menina de 9 anos)

MATERIAL: 100 g de lã vermelha, 50 g de lã cinza, 60 g de lã amarela. Agulhas nº 3 1/2.

MEDIDAS: Comprimento: 42 cm; largura debaixo do braço: 35 cm; cintura: 26 cm; largura de ombros: 28 cm; decote: 34 cm acima da base; comprimento da manga: 17 cm; largura: 30 cm; gaita: 22 cm.

EXECUÇÃO: Frente — Montar 72 pt., tricotar as gaitas 1 e 1 durante 4 cm; em seguida tricotar 2 car. vermelhas, 2 car. amarelas, 4 car. vermelhas, 2 car. cinza, aumentando alguns pt. de cada lado para obter a largura, ou seja 35 cm sob o braço. A 26 cm rebater 4 pt., 2 pt., 3 vezes 1 pt. em cada extremidade para as cavas, tricotar 16 cm, enviesar os ombros, rebatendo em 3 vezes.

Restam 11 cm para o decote, que se forma a 34 cm, rebater

10 pt. a 12 pt. do meio, depois 3 pt., 2 pt. e 1 pt. até se esgotarem os pt. do meio.

COSTAS: Semelhante à frente, começar o decote a 40 cm da mesma forma que a frente, porém 8 car. antes do fim.

MANGAS: Montar 50 pt., tricotar 2 cm em gaita e 1 e 1, depois 5 cm em jérsei listrado, aumentando em cada extremidade 1 pt. para ter 30 cm; quando tiver 7 cm, diminuir 3 pt. em cada extremidade, depois 1 pt. em cada começo da agulha e a 17 cm rebater.

MONTAGEM: Passar a ferro. Juntar. Remontar os pt. do decote, tricotar 5 cm de gaita 1 e 1 com as agulhas finas, voltar e costurar sôbre o direito com pt. invisíveis.



Dois lindos modelos de lã para mocinhas. O mais claro tem como enfeite grandes botões em tom mais escuro. O segundo, de saia franzida, tem bolsos laterais e blusa abotoada. Um lenço no pescoço dá mais graça e protege



Um bonito modelo de tailleur, para ser confeccionado em sêda pesada ou em lã fina, para os dias mais frescos. Bolsos originais dão-lhe grande encanto



Para os dias frios, este tailleur simples, com pequenos botões, num feito esportivo. Botões também nos punhos

Colcha de Retalhos

(Conclusão da pág. 6)

— Como isso? Uma menina tão acanhada!...

— E' para ver! Desconfiem das sonsas... Fugiu, e lá rodou com êle para a cidade — não para casar, nem para enterrar. Foi ser "moça", a pombinha...

O incidente ficou a azoinar-me o bestunto. A noite perdi o sono, revivendo cenas da última visita ao sítio, e disso brotou a idéia de lá tornar. Para? Confesso: mera curiosidade, para ouvir os comentários da triste velhinha. Que golpe! Desta feita ia-se-lhe a rizeja de cerne.

Fui.

Setembro entumescia gomos em cada arbusto. Nenhuma neblina. A paisagem desenhava-se nítida até nos cabeços dos morros distantes. Por amor à simetria, montava eu o mesmo picaço. Transpus a mesma porteira. Atalhei pelo mesmo trilho.

No córrego vi, com os olhos da imaginação, o vulto da menina envergonhada, com o pote descansado na laje e toda às voltas com a rodilha. Mais uns passos e a tapera atolhou-se-me, deserta. As três árvores do pomar extinto eram já galhaça ressecada e poenta. Só os mamoeiros subsistiam, mais crescidos, sempre apinhados de frutos. O resto piorara, descambando para o lúgubre. Ruíra o oitão e o terreirinho pintalgara-se de moitas de guaxuma, cordão-de-frade e jóas.

— O' de casa!

Silêncio. Três vèzes repeti o apêlo. Por fim surgiu dos fundos uma sombra, acurvada e trêmula.

— Bom dia, nhá Joaquina. Está sêo Zé?

Não me reconheceu a velhinha. O Zé fôra à vila vender a sítio para mudar de terra.

Fêz-me entrar, logo que me dei a conhecer, pedindo escusas da má vista.

Entre para a saleta vazia.

— Tem coragem de estar aqui sôzinha?

— Eu? Sôzinha estou em toda a parte... Morreu-me tudo, a filha, a neta... Sente-se — disse, apontando para o mocho de dois anos atrás.

Sentei-me com um nó na garganta. Não sabia o que dizer. Por fim:

— O que é a vida, nhá Joaquina! Parece que foi ontem que estive aqui! Apesar das doenças, iam vivendo. Hoje...

A velha limpou no canhão da manga uma lágrima.

— Viver setenta e dois anos para acabar assim!... Felizmente a morte não tarda. Já a sinto cá dentro...

Confrangia-me o coração naquele ermo onde tudo era passado — a terra, as laranjeiras, a casa, as vidas, salvo, trêmulo espectro sobrevivente como a alma da tapera, a triste velhinha encanecida, cujos olhos poucas lágrimas estilavam, tantas chorara.

— Que mais agora? — murmurou, pausadamente, em voz de quem já não é deste mundo. — Até à "desgraça", eu não queria morrer. Velha e inútil, inda gostava da vida. Morreu-me a filha, mas restava a neta, que é duas vèzes filha e era o meu consôlo. Desencaminharam a pobrezinha... Agora, que mais? Só peço a Deus que me tire, logo e logo...

Relanceei um olhar pela sala vazia. A caixeta de costura ainda estava sôbre a arca, no lugar de sempre. Meus olhos pousaram nela, marasmados.

A velha adivinhou-me o pensamento e, erguendo-se, tomou a caixa nas mãos trêmulas.

Abriu-a. Tirou de dentro a colcha inacabada, contemplou-a longamente. Depois, com tremura na voz, disse:

— Dezessete anos — e não pude acabar a colcha... Ninguém imagina o que é para mim esta prenda. Cada retalho tem a sua história e me lembra um vestidinho de Pingo d'Água. Aqui leio a vida dela des'que nasceu.

Este, olhe, foi da primeira camiseta que vestiu... Tão galantinha! Estou a vê-la no meu braço, tentando pegar os óculos com a mãozinha gorda...

Este azul, de listras, lembra um vestido que lhe deu a madrinha aos três anos. Ela já andava pela casa inteira, armando renações, perseguindo o Ramão, que um dia, por sinal, lhe meteu as unhas no rostinho. Chamava-me "óó aquina".

Este vermelho, de rosinhas, foi quando completou os cinco anos. Estava com êle por ocasião do tombo na pedra do córrego, donde lhe veio aquela marquinha no queixo, não reparou?

Este cá, de xadrezinho, foi pelos sete anos, e eu mesma o fiz, e o fiz de saia comprida e paletó de quartinho. Ficou tão engraçada, feita uma mulherzinha.

Pingo d'Água já sabia temperar um virado, quando usou êste aqui, de argolinhas roxas em fundo branco. Digo isto porque foi com êle que entornou uma panela e queimou as mãos.

Este roxo, usou-o quando tinha dez anos e caiu de sarampo, muito malzinha. Os dias e as noites que passei ao pé dela, a contar histórias! Como gostava da Gata Borracheira!...

A velha enxugou na colcha uma lágrima e calou-se.

— E êste? — perguntei, apontando um retalho amarelo, para avivá-la.

Pausou um bocado a triste avó, em contemplação. Depois:

— Êste é novo. Já tinha quinze anos quando o vestiu pela primeira vez, num mutirão do Labrego. Não gostou d'êle. Parece-me que a desgraça começa aqui. Ficou um vestido muito assentadinho no corpo, e galante, mas, pelas minhas contas, foi o culpado do La-

DIVÓRCIO

FERNANDO BRITO

HOUVE tempo em que os sábios de Astronomia, especialmente os religiosos que se baseavam no texto bíblico, afirmavam que a terra era quadrada e imóvel. No entanto, hoje, nós consideramos ridícula semelhante afirmação. Conservadores e heréticos existiram e existem em todos os tempos e em tôdas as idades, desde que o homem saiu das cavernas para a civilização. E o que caracteriza êsses indivíduos é que na sua quase totalidade êles pensam e afirmam ter à mão todos os segredos da vida, o conhecimento inteiro do universo e das suas leis, como também se propalam enviados da Providência para salvar a humanidade...

Arquitetam os seus sistemas filosóficos e religiosos de modo a justificar as mais variadas e absurdas instituições, hipóteses, teorias e leis, que êles afirmam ser maravilhosas... Em virtude de tais e tais leis que êles julgam conhecer, profundamente, toda e qualquer renovação, é taxada — a priori — de loucura, falta de pudor, atentados ao poder divino e à família. No entanto, apesar da constante reação do espírito conservador de tôdas as épocas vez por outra, surgem e se impõem novas teorias, leis e concepções do universo e da sociedade.

Assim foi que apareceram o Marxismo em pleno regime feudal e, recentemente, a teoria da relatividade, que revolucionaram o mundo em relação à ciência.

No Brasil, atualmente, pode-se anotar o projeto do jovem Deputado Nelson Carneiro, incluindo o divórcio entre as leis de nosso país, como uma dessas inovações que surgem, abalando a consciência do pensamento conservador constitucional e sobretudo objetivo, êsse projeto, que tanto comentários tem formulado no parlamento, constitui-se a mais oportuna de tôdas as leis necessárias à sociedade brasileira.

Atravessamos a época em que a civilização e o progresso atingem ao climax das grandes reformas no cenário da humanidade. Em 76 países — os maiores e os mais civilizados povos do globo — o divórcio tem o seu papel saliente na forma da lei. Por que então êsse nosso injustificável pudor de continuarmos presos ao falso e imaginário vínculo indissolúvel do casamento?

Por ventura ao aceitarmos o desquite — separação de corpos — lei por todos os títulos indecente, visto que os cônjuges separados vêem-se na contingência de constituírem, ilegalmente, o seu novo lar — decidimo-nos pela moralização social do nosso povo?

A menos que os nossos legisladores acreditem — grande inocência — que os desquitados riscam das suas vidas as pretensões do matrimônio, a única e indiscutível solução pelo bem-estar social e moral do nosso povo é, sem dúvida, a lei do divórcio, que o desquite nada resolve, positivamente.

Progredir — à força da evolução natural — é a marcha constante da sociedade. O espírito conservador de tôdas as épocas e de todos os tempos jamais conseguiu barrar os passos da civilização e do progresso.

E se no tempo da Santa Inquisição, não foi possível, mesmo sob as ameaças da fogueira, continuar afirmando e defendendo o sistema geocêntrico, da mesma forma, hoje ou amanhã, mais cedo ou mais tarde, o gênio do progresso que marcha por cima de todos os tabús e convenções sócio-político-religiosas, promulgará a lei do divórcio no Brasil.

breguinho engrajar-se da coitada. Hoje sei disso. Naquele tempo de nada suspeitava...

— Êste — disse-lhe eu, fingindo recordar-me — é o que vestia quando cá estive.

— E' engano seu. Era, quer ver qual? Era êste de pintas vermelhas, repare bem.

— E' verdade, é verdade! — menti. — Agora me lembro, era isso mesmo. E êste derradeiro?

Após uma pausa dorida, a pobre criatura sacudiu a cabeça e balbuciou:

— Êste é da desgraça. Foi o último que lhe fiz. Com êle fugiu... e me matou.

Calou-se a lacrimejar, trêmula.

Calei-me também, opresso dum infinito apertão dalma.

Que quadro imensamente triste, aquêle fim de vida, macnucado pela mocidade louca!...

E ficamos ambos assim, imóveis, de olhos pregados na colcha.

Ela por fim quebrou o silêncio.

— Era o meu presente de noivado. Deus não quis. Será agora a minha mortalha. Já pedi que me enterrassem com ela...

E guardou-a dobradinha na caixa, envôlta num suspiro arrancado do imo do coração.

Um mês depois morria. Soube que lhe não cumpriram a última vontade.

Que importa ao mundo a vontade última duma pobre velhinha da roça?

Pieguices...

1) Mungunzá (Cangica de milho branco)

Tome 1/2 quilo de milho branco e ponha de molho em água fria durante muito tempo para amolecer, depois escorra e leve a cozinhar com água, um pouco de sal, paus de canela e erva-doce. Depois de cozido, deite duas xícaras de leite de côco ou de leite de vaca; se fôr leite de vaca, adicione três xícaras, adoce a gosto, sirva em pratos fundos ou em tijelinhas.

2) Broa mineira

Ponha a ferver meio litro de leite com 1 xícara de água e 1 colher rasa de sal. À parte, peneire em 1 tijela meio quilo de fubá; ponha 3 colheres de açúcar por cima e escale com o leite fervendo. Vá mexendo e desmanchando tudo, polvilhando por cima canela em pó, 2 colheres bem cheias de queijo ralado. Em separado, bata ligeiramente 4 ou 5 ovos e misture à massa

COZINHA

PRATOS PARA SÃO JOÃO

VIRGINIA

e vá pondo leite ou água até ficar um mingau espesso e mole. Junte 1 boa colher de manteiga e por fim 2 colheres de farinha de trigo. No momento de ir ao forno, unte bem uma fôrma com banha derretida, despeje o mingau e então espalhe passas, frutas secas, e asse em forno quente.

3) Bôlo de aipim sem ovos

Ingredientes: 1 quilo de aipim, ralado — 1 côco ralado — sal e açúcar a gosto.

Esprema o aipim e o côco separadamente. Misture os bagaços e junte a goma do aipim que ficou no fundo do prato onde foi espremido; jogue fora a água do aipim. Misture o sal e o açúcar e um pouco de água (se precisar). Des-

peje numa assadeira untada com manteiga e jogue por cima o leite do côco. Quando estiver assando, antes de corar, corte em pedaços e, na hora de sair do forno, despeje por cima o resto do leite do côco.

4) Pês-de-moleque

Leve ao fogo uma panela com 1 xícara de leite, 1 prato de açúcar e 1 colher de manteiga, deixando ferver até ficar uma calda grossa; retire do fogo e junte 1 xícara de amendoim torrado e ligeiramente socado, um pouco de gengibre ralado, batendo tudo até açucarar. Despeje então sobre um mármore previamente untado de manteiga e corte em quadrados, quando estiver frio.

BEBIDAS QUENTES

1) Ponche-manolo

Deite numa vasilha de louça ou de vidro algumas ameixas pretas sem o caroço, 4 ou 5 paus de canela, 5 ou 6 cravinhos da índia, um pouco de noz-moscada ralada e duas garrafas de vinho do pôrto (serve o do Rio Grande). Tampe a vasilha e deixe em infusão durante algumas horas. Quando estiver próxima a hora de servir, passe tudo em um pano grosso, acrescentando uma xícara e meia de açúcar; leve ao fogo e, quando estiver quase a ferver, retire e sirva quente.

2) Ponche-Mucambo

Esprema o caldo de 3 limões e descasque mais dois e corte-os em rodela; junte uma garrafa de boa pinga e um copo de rum, mais 4 colheres de açúcar, mexa bem e leve ao fogo brando sem deixar ferver. Cõe e depois junte mais 2 xícaras de chá preto bem quente. Sirva quente.

Notável Descoberta...

(Conclusão da pág. 12)

Ao observar o aspeto emotivo de uma das mulheres, aproximou-se dela com uma agulha e lhe disse:

"Dá-me a mão. Vou picar-te ..."

A jovem começou a contrair o rosto, enrubescou e, instintivamente, retirou a mão.

"Se eu tivesse picado de verdade — prosseguiu o médico — você teria sentido dor, pelo medo à picada. E no entanto, veja, seus dedos estão cheios de picadas, mas quando vocês se picam, costurando, não sentem nada ou quase nada ... Com as dores do parto acontece exatamente o mesmo ..."

Depois disso, o especialista convidou as mulheres que já tivessem tido filhos a levantar a mão. Em seguida, interrogou-os acerca de suas experiências anteriores. Lembro-me de uma dessas mães, que esperava o terceiro filho. O médico soviético convidara-a a que se sentasse entre nós.

"A primeira vez que dei à luz — explicou a mulher — minha avó, que estava enfêrma do coração, me disse: "Eu morrerei quando tu deres à luz. O pensamento do que tu vais sofrer me tirará a vida ..." Minha avó ainda vive, mas eu estava morta de medo e sofri atrocemente ao dar à luz o meu primeiro filho. A segunda vez, as coisas se passaram de maneira muito distinta. Foi durante a guerra. A cidade era bombardeada constantemente. Quando começou o parto, os aviões inimigos rondavam por cima da casa de maternidade. Ordenaram-me que me deitasse e que não fizesse movimento algum. Eu não fazia mais que pensar nos aviões. Nasceu meu filho ... sem que eu sentisse a menor dor ..."

"Não é verdade que esse testemunho simples ilustra admiravelmente o princípio em que se inspira o novo método soviético?"

Nas aulas seguintes descreve-se em detalhe todas as fases por que passa o parto, indicando à mulher como deve conduzir-se em cada uma delas, a maneira de respirar, a forma de dar-se massagem no ventre, quando as contrações se produzem cada dez ou doze minutos. Se as contrações se tornam mais frequentes, o médico aconselha à futura parturiente que faça pressão com ambos os polegares sobre o encosto da cadeira e em lugares determinados das costas ilíacas. Quando a dilatação está mais avançada, aconselha-se à mulher que respire de maneira que as expirações sejam três vezes mais prolongadas que as inspirações.

Durante o parto se faz com que a mulher respire oxigênio, o que a ajuda consideravelmente no trabalho muscular e finalmente, manda-se que apoie com força os punhos sobre as articulações sacro-ilíacas.

Quando a dilatação é completa, aconselha-se à parturiente que faça esforços de expulsão, pedindo que conserve essa posição do corpo, fazendo tensão sobre uns tirantes colocados ao pé da casa. Esses esforços

favorecem a expulsão da criança, o que se produz sem manifestação alguma de dor.

PERGUNTA — Há um detalhe que interessará a nossas leitoras, sobretudo àquelas que conheceram o que significa um parto no hospital, nas salas de operações em que geme uma multidão de mulheres, cujos gritos não deixam de impressionar às futuras mães. Na União Soviética, dão à luz várias mulheres na mesma sala de operações?

— Sim, mas ali ocorre exatamente o contrário do que vocês conhecem aqui. Enquanto em nossas maternidades as mulheres sentem o contágio do sofrimento, ali sucede que, uma atmosfera tranquila, se alguma das parturientes expressa sinal de nervosismo, a presença das demais basta para restituir-lhe o sangue frio.

PERGUNTA — Poderão as mulheres francesas saber algum dia o que é o prazer de dar à luz sem dor?

— Eu o desejo assim, como o desejava a mecanógrafa de Lenigrado, que vi dar à luz.

O método de anelgização de partos, descoberto pelos cientistas soviéticos não deve ser considerado como um procedimento específico russo. Esse método pode ser aplicado não somente na URSS mas em todos os países.

Na URSS, o regime social soviético favorece notavelmente o êxito de tais métodos. A educação das mulheres desde a adolescência, sua confiança nas doutrinas de Pavlov e nos procedimentos da medicina soviética, o caráter totalmente gratuito da assistência médica, a confiança absoluta em seus médicos, são elementos eminentemente favoráveis ao êxito de tais métodos, cuja generalização alcançou proporções extraordinárias na União Soviética. Em outros países, particularmente na Inglaterra, os métodos inspirados nas doutrinas de Pavlov, embora aplicados de maneira esporádica ou individual, proporcionaram resultados análogos. Mas ainda estão reservados para algumas mulheres privilegiadas.

OFICINA

ELETRO-MECÂNICA

DARWIN DA SILVA REIS

Rádios, Geladeiras, Enceradeiras, Bombas-Hidráulicas, Ferros.

Chuveiros, Fogareiros, Aquecedores Elétricos, Fogões e Gás, etc.

FONE: 42-0954



No jardim de infância da fábrica «Sharikopodshipnik» de Moscou, as crianças recebem, além da assistência constante de enfermeiras especializadas, toda atenção do governo. Aí vemos alguns pequeninos, brincando dentro de seus cercados, assistidos por enfermeiras

Notável Realização da Medicina Soviética

O PARTO SEM DOR

(Entrevista concedida à Revista "Femmes Françaises", pelo ginecólogo Francês Dr. Lameze, após uma visita à União Soviética)

PERGUNTA — Doutor, a maioria de nossas leitoras são mães de família. O fato de que haja mulheres que dêem à luz sem sofrimentos desperta nela, com razão, um grande interesse. O senhor, que foi testemunha de um parto, na União Soviética, quereria dar-nos suas impressões?

— Eu assisti, em Leningrado, na clínica do professor Nikolaiev, a um parto sem dor e — quero frisar — sem outra terapêutica que a de uma preparação psicológica adequada, ou seja, sem ajuda de nenhum anestésico. Tratava-se de uma mecanógrafa de 35 anos, primípara. O parto se iniciara por volta das cinco horas da manhã com a perda de águas, mas a mulher havia chegado à maternidade sem contrações uterinas. As seis foi levada para a sala de operações, assistida por um médico obstetra, uma parteira e uma enfermeira. Todas as parturientes recebem a mesma assistência. As duas da tarde deu à luz.

A mulher explicou-me que não havia sofrido em absoluto e eu posso afirmar também que não pude observar a menor expressão de dor nem de suor em seu rosto, nem a ouvi emitir nenhum gemido; os músculos permaneciam perfeitamente distendidos. Sua calma era tal que quando se iniciou o parto, ela me disse: "Espero que as mulheres da França possam também muito breve dar à luz tão facilmente como nós" e sorrindo, fez a seguinte reflexão: "Os homens deveriam invejar as mulheres, pelo quanto se preocupam aqui com elas". E certamente, na União Soviética tudo se pôs em jogo, para evitar o sofrimento das mães.

PERGUNTA — Nossas leitoras pensarão sonhar ao lêr estas linhas e perguntarão: como foi possível chegar a obter tais resultados?

— O relaxamento muscular é a condição indispensável para um parto sem dor.

Inspirando-se nas doutrinas do genial fisiólogo russo Pávlov, sobre a influência da córtex cerebral sobre os centros sub-corticais e os reflexos condicionados, os tocólogos soviéticos puderam imaginar o método chamado de "parto sem dor", graças aos métodos psicoprofiláticos.

A noção ancestral de que o parto deve realizar-se com dor domina o cérebro da mulher e a aterroriza. O ato de dar à luz constitui, de fato, uma prova temível. O medo que provoca engendra fatalmente uma reação do organismo, que se traduz numa contração muscular que é, por sua vez, a origem das dores. Precisamente contra esta aparente fatalidade é que os sábios soviéticos erigiram seu método.

A preparação psicológica da mulher grávida — não se deve confundir com o hipnotismo — permite à mulher dar à luz sem dores.

Se os músculos do corpo se mantêm completamente relaxados, é impossível manter a emoção do medo. Esse é um fator essencial, indiscutível, corroborado pela experiência aplicada sistematicamente num país que conta com duzentos milhões de habitantes.

O ideal é o relaxamento muscular completo. No entanto, mesmo um relaxamento muscular imperfeito pode mudar completamente o desenrolar do parto. Por relativo que seja, o relaxamento muscular diminui as dores do parto, isto é, diminui as sensações do parto, interpretadas como dores pela mulher que se encontra num estado de contração angustiosa.

Esta é a verdade, uma verdade que é preciso repetir sem vacilações.

PERGUNTA — Doutor, quereria o senhor explicar-nos como se prepara a mulher para dar à luz sem dor?

— As mulheres grávidas são instruídas pouco a pouco, em períodos determinados, sobre o que representa o parto. Nelas se infunde a certeza de que se trata de um ato fisiológico do qual sairão sem dificuldade nem complicações, com a ajuda do pessoal médico que as rodeia.

Eis como se instrui a futura mãe.

Aproximadamente uns 35 dias antes do parto, inicia-se a preparação psicoprofilática. Ela é interrogada sobre suas inquietações, seu medo. Se lhes explica que os transtornos do organismo estão submetidos à atividade da córtex cerebral e que o processo normal não deve provocar dores. Assim se destrói a falsa idéia do sofrimento inelutável, se faz com que ela perca o medo. E como nos cursos de ensino secundário figura o estudo dos métodos de Pávlov, essas explicações são mais fáceis de dar.

A mulher grávida assiste a cinco ou seis aulas de uns 10 minutos, com intervalos de cinco a seis dias.

A primeira aula é individual, isto é, nela só participam a mulher grávida e seu tocólogo. Este a examina, indica-lhe a posição do feto, interroga-a sobre os diferentes temores que sente: o medo da dor, o medo das consequências do parto, o medo pela sorte do filho. O propósito do médico consiste em persuadir a mulher de que o parto será completamente normal.

Na segunda aula estão presentes várias mulheres. Nessa aula volta-se a tratar das circunstâncias da dor e da maneira de suprimi-la.

O neuroterapeuta realizou na minha presença a seguinte experiência:

(Conclui na pág. 11)

A Má Literatura Infantil

PASSANDO pela banca de jornais, perto de casa, resolvi levar uma revista infantil para minha sobrinha, que ainda não sabe ler, pois tem apenas 5 anos e só admira figuras. Escolhi a mais vistosa de todas, a que tinha a capa mais bem colorida e melhor desenhos. Durante a caminhada, fui lendo. Li... li... e, ao chegar em casa, não resisti ao desejo de escrever este pequeno artigo para contar a todos vocês uma das histórias que saem mensalmente nessas bonitas revistas infantis. Bem sei que aqueles que a compram para as crianças, são pais, tios, avós, e nem sempre têm tempo, ou não querem dar-se ao trabalho de abrir e ler o que elas contêm. Tomemos por exemplo a aventura de um repórter chamado Hase Yale, nome bastante difícil para as crianças decorarem, não acham?

Como vêem pelo nome, o "mocinho" é um norte-americano, e a gravura nos apresenta um rapaz forte, louro, cara infantil, um tipo "super-man".

Esse repórter anda pelo mundo à cata de sensações para transmitir aos ouvintes de rádio. Até aí tudo vai bem... Mas eis que nosso herói repórter cai numa cilada e descobre um grupo de homens armados atacando soldados americanos. Mais do que depressa resolve castigar os bandidos que metralhavam os soldados. Até aí continua tudo muito bem...

Mas, como poderia ele sozinho lutar contra um grupo enorme de homens?

Oh! Surpresa! Em menos de meio segundo o repórter se transforma num gigante mascarado, o chamado "Comandante Yankee"!

Voa sobre os bandidos, luta contra todos, troca socos, elimina ninhos de metralhadoras. Diante de tão temível figura, os bandidos fogem apavorados!

Até uma criança compreendia que para um homem comum seria impossível semelhante façanha, mas para o "mocinho super-man" nada é impossível.

Prosseguindo com a história, o rapaz, achando uma mensagem de código no bolso de um dos bandidos, vai ao quartel aliado e se apresenta aos representantes das Nações Unidas.

Justamente nessa época, estão todos os membros empenhados em preservar a paz... mas se alegram com a presença do "Comandante Yankee"; sentem-se mais seguros e pedem a este que os ajude a resolver os seus problemas.

Mas a mensagem secreta desaparece ali mesmo e um dos membros das "Nações Unidas" é o chefe dos bandidos!

Lá estão os representantes dos Estados Unidos, Inglaterra, China (Nacionalista, com certeza), Rússia e de outro país, que na verdade não existe, a "Transilvânia".

O "mocinho" "sabe tudo", desconfia logo quem seja o traidor, e as crianças também. Mas precisa de provas e se vê novamente envolvido numa cilada e aprisionado pelos bandidos.

Levado a uma fábrica de brinquedos, pertinho do quartel aliado, fica sabendo que aquilo nada mais é do que uma fábrica de metralhadoras...

— E' o cúmulo! — diz o "Comando Yankee".

— Não sabe que está proibido o fabrico de armas?!

Foi pena um dos bandidos não ter perguntado a ele onde os americanos acham armas...

A cena seguinte é o "mocinho" amarrado num pau, servindo de alvo para dois bandidos que disputavam o prazer de matá-lo.

As crianças naturalmente nem se emocionam mais, pois sabem que o mocinho americano não morre; o "Comando Yankee" é invencível!

Realmente, nem um dos tiros dos bandidos acerta o alvo, mas na corda de onde pendia o rapaz; este consegue ficar livre, dar socos, abater todo o mundo, arrasar a fábrica e obrigar os bandidos a se renderem. Depois avisa ao arsenal americano, e a batalha termina com a vitória dos aliados!

No quartel aliado, os membros das Nações Unidas torciam também como as crianças para que "Comando Yankee" salvasse a paz e esperavam a revelação do chefe dos bandidos.

Dadas as ilustrações dos quadrinhos, todas as suspeitas recaíam sobre o representante da Rússia, pois sempre aparecia sua figura no fundo, com a cara fechada, barba cerrada e enorme bigode. Era mais um tipo de bandido do "far-west" americano. Essa insistência na figura do representante da Rússia foi propositada, a fim de que as crianças suspeitassem dele. Como, porém, a União Soviética é na verdade um membro da ONU, e dava muito na vista, inventaram um país desconhecido nessa história. E o chefe era o membro da "Transilvânia" — com certeza algum país atrás da "cortina de ferro".

A aventura termina com a prisão dos bandidos e o nosso repórter advertindo a todos que fiquem de "sobrevivo contra certos fanáticos que ameaçam as Nações Unidas, semeando discórdias para colher sangue".

Essas são as histórias que nossas crianças lêem.

Parece incrível que se possa imaginar tanta tolice junta!

Lembrei-me de um telegrama que ouvi há dias pelo repórter "Esso": Dizia que o Comitê de Atividades Anti-Americanas estava incumbindo escritores de criarem uma literatura infantil capaz de incutir nas crianças a admiração pelos heróis americanos e o ódio ao comunismo.

Viva S. João!



(Texto e desenho de Leda Sá)

GAROTADA! Está na época de ser comemorado em todo o Brasil o dia de São João, com grandes festas!

Essas festas, também chamadas juninas, vão desde meados de maio até fins de junho e são as mais lindas e pitorescas festas populares brasileiras...

As ruas se enchem de garotos soltando fogos, nos salões dança-se o samba e o baião e nas casas comem-se coisas gostosas.

Essa festa é de origem religiosa. Ela começa com as ladainhas do mês de Maria, cantadas nas igrejas pelos fiéis e culmina nos dias de São João e São Pedro. Aí, a festa chega ao auge!

Quem não passou ainda um São João na roça, não pode fazer uma idéia do quanto tem de brasileiro esse festejo. É mesmo uma delícia!

Armam-se enormes fogueiras e junto delas os pares de roceiros pulam, dançam e comem, à noite inteira...

A criançada faz subir imensos balões coloridos e solta buscapés. Armam-se barraquinhas todas embandeiradas e na igreja, o padre do arraial, realiza casamentos.

À noite, sob o céu todo estrelado, os violeiros e sanfoneiros entoam lindas cantigas e divertidíssimos «desafios».

Dentro de casa, Nhá Maroca prepara com as comadres uma mesa de doces e começa a quadrilha: dança velho, dança moço, dança criança. A alegria é intensa! Sinhá Graciosa namora Só Chico. A velha Gertrudes fala da vida alheia. Seu Reverendo prova o melado e suja a batina. Os noivos puxam a quadrilha... Balancê... E todo o arraial do «Chera-Bem» se diverte!

Aqui na cidade, São João perde muito de sua beleza, pois é proibido o uso dos balões, em vista dos perigosos incêndios. As ruas calçadas, cheias de lojas e edifícios, não servem de ambiente para esse tipo de festa.

Assim mesmo, a garotada, indiferente aos perigos, querendo expandir sua alegria, estoura fogos e mais fogos...

A moçada se veste de caipira e enche os salões dos clubes, dansando baiões.

Vamos pois festejar o São João! Não deixemos que morra esta festa tão nossa!

Soltem buscapés e foguetes!

Comam cocadas!

E Viva São João!

E é assim que esses lacaios e serviçais do capitalismo se desincumbem de suas tarefas...

Os patrões ordenam, e esses falsos e incapazes literatos não se cansam de imaginar histórias como essas, absurdas e ridículas.

Os heróis americanos são representados por "super-men" que voam, atacam regimentos inteiros, vão à lua, a Marte, matam, dão muros, dominam todos os povos, e afinal são os "bonzinhos", "solicitados por todos" e "grandes defensores da Paz".

Não é possível que se tenha admiração pelos heróis dessa natureza! Tudo cansa. Os sub-literatos norte-americanos devem arranjar histórias como esta, ou então serão despedidos dos seus empregos pelo Comitê de Atividades Anti-Americanas!

As crianças, ao lerem essas aventuras do "Comando Yankee", que tudo faz e nunca perde, devem dizer sorrindo:

— Assim também não vale...

— Assim não tem graça...

LEDA SA'

Nitro-Química, Fábrica de Moret

Reportagem de ELZA BATISTA (São Paulo)

SEIS OPERÁRIOS PERDERAM A VIDA

NO dia 10 de abril, explodiu uma caldeira de explosivos na Fábrica NITRO-QUÍMICA, de São Paulo, de propriedade do Ministro da Fazenda, Sr. Horácio Lafer. Morreram seis operários, levando o luto e a miséria aos seus lares.

Situada no bairro de S. Miguel, na capital paulista, a Nitro-Química produz para a guerra e paga salários de fome aos seus operários.

São quase diários os desastres. As condições de trabalho são terríveis — devido ao ácido, centenas de operários ficaram tuberculosos, outros adoeceram de sinusite. O dia inteiro respiram num ambiente saturado de ácidos.

ESSA TOSSINHA NÃO É NADA...

Quando sentem que estão doentes, os operários vão ao médico da fábrica. E ele diz: «Essa tosse não é nada, é uma gripe atípica». Mais tarde, o operário percebe que não tem mais cura, pois a tuberculose já tomou conta.

NAO TEM REFEITÓRIO A FABRICA

A fábrica não tem refeitório, o que obriga centenas de operários, homens, mulheres e crianças a comerem no meio do mato, sem ter um lugar para esconder-se da chuva ou do sol. Uns sentam-se no chão, outros comem em pé.

O BERÇÁRIO NÃO SATISFAZ

Existe na fábrica um berçário que não corresponde às necessidades das operárias. As mães são tratadas aos berros e as crianças ficam no berçário somente até os 8 meses, depois disso as mães não têm onde deixá-las. Isso causa enormes dificuldades ao trabalho das operárias.

OUVINDO AS FAMILIAS DAS VITIMAS

Como repórter do MOMENTO FEMININO, acompanhei uma comissão de associadas da Federação de Mulheres de São Paulo, em visita às famílias dos seis operários mortos na explosão.

Visitamos primeiro a viúva de Armindo Pinto Fonseca, um jovem de 25 anos, que deixou a esposa doente, após a perda de um filhinho que nasceu morto, e com uma filhinha de um ano, que sofre de bronquite.

Educandário Curitiba

Escreve Rita Rochine, de Curitiba

○ EDUCANDÁRIO CURITIBA fica situado no meio de um pomar. Foi fundado pela Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra para receber os filhos de lázaros, que não tenham sido contagiados pela terrível doença.

Ali as crianças recebem, a base de educação e são, na medida do possível, reajustadas na sociedade, onde terão que viver mais tarde.

A Sociedade mantém um médico, um dentista, uma enfermeira para atender aos bebês. O Es-

tado destina 5 professoras, que vão diariamente dar aulas às crianças. Aí fazem todos o curso primário e após a conclusão deste, as meninas aprendem corte ou costura, serviços de cozinha e lavanderia. Os rapazes, após terminarem o curso, podem cursar o secundário, num dos colégios da Capital.

Na sede do Educandário existe uma oficina onde os meninos aprendem a fazer os seus próprios colchões, travesseiros e sapatos; as meninas, por sua vez, confeccionam as guarnições para as camas.

As crianças gozam de relativa liberdade, saindo às vezes a passeio. Muitas moças, quando encontram pretendente, contraem matrimônio no Educandário.

E' a seguinte a diretoria atual: Presidente — D. Aurea V. Lima; Vice-Presidente — Ivete Robine Glasser; 1.º secretária — Dra. Marita França; 2.º secretária — Raquel Luís de Scusa; 1. tesoureira — Mercedes Sailer Rocha; 2. tesoureira — Angelina Mery.

EXPEDIENTE

(Diretora)

ARCELINA MOCHEL

Redação e Administração —
Rua Evaristo da Veiga, 16
Sala 808

— R I O —

Disse-nos a pobre viúva:

— Meu marido era tão bom! Me ajudava tanto. Ainda 15 dias antes do acidente teve que recorrer ao seguro; durante seis meses de trabalho foi acidentado seis vezes. No seguro, recebia apenas a metade do pagamento e as despesas eram as mesmas. Além de perder a saúde, passamos cada vez mais necessidades, diz-nos ela com lágrimas nos olhos.

— Parece até um sonho, continua D. Orminda. Ele saiu com saúde, até alegre, e não voltou mais. Nem morto, porque os assassinos não o trouxeram para casa. Era dia santo, mas ele disse que não podia perder o dia, senão íamos passar fome. «Já perdi muitos dias por causa da sua doença», disse ele.

O patrão devia ser castigado, porque força os operários a trabalhar por um salário de fome — Cr\$ 4,00 por hora, conclui ela.

A família de outro operário morto, Miguel Ribas, foi visitada por nós.

Miguel trabalhava há 12 anos na fábrica e ganhava, agora, aos 60 anos, Cr\$ 5,60 por hora, fora os descontos. Deixou esposa, 4 filhos maiores e 3 menores.

Disse-nos a viúva:

— Já há dias que ele não estava com vontade de trabalhar, pois a caldeira não estava funcionando bem. E' muito velha e estava fazendo experiências com pólvora, em dosagem muito mais forte do que poderia resistir.

Angelina, uma filha menor, de 14 anos, trabalha também na Nitro-Química, numa seção perigosa, onde toca seis máquinas. E' um trabalho horrível, em máquinas velhas e fio podre.

Dix-nos ela: — «As vezes a gente se desespera e então os contramestres chegam e nos insultam. Trabalhamos 8 horas por dia — entramos às 5,30 da manhã. Atualmente ganho 3 cruzeiros por hora. Isso porque os operários se uniram e exigiram aumento de salários.

— Se chegarmos dois minutos atrasados, diz Angelina, temos que voltar e somos suspensas por três dias, perdendo o domingo remunerado e os feriados.

CINCO MIL CRUZEIROS POR UMA VIDA HUMANA

Os patrões querem dar agora cinco mil cruzeiros para cada família, como se a vida humana custasse tão pouco assim.

Para que os operários e suas famílias não se revoltem, os donos da fábrica dizem: — «Vocês devem orgulhar-se. Eles morreram em prol da humanidade, para salvar a vida dos leprosos.»

Como se a lepra se curasse com material explosivo!

Mas os operários estão justamente revoltados e reforçam sua união pela conquista de seus direitos e contra a desumana exploração da horrível FÁBRICA DA MORTE!

Sete cruzeiros por mala de roupa lavada!

Escreve nossa correspondente de BATATAIS (São Paulo)

As lavadeiras de roupa do Ginásio São José, do Município de Batatais, são terrivelmente exploradas! Ganham a miséria de Cr\$ 7,00 por cada mala de roupa lavada, que contém sempre duas dúzias ou mais de peças. Dinheiro esse que não dá nem para comprar o sabão e o anil; e devem, ainda, além disso, fazer reparos nas peças rasgadas.

Reuniram-se então as mulheres e resolveram pedir ao padre-ministro um aumento de Cr\$ 3,00 por mala. Esse padre cobra de cada aluno do ginásio a mensalidade de Cr\$ 150,00 e, como já disse acima, paga apenas Cr\$ 28,00 a cada lavadeira.

Um grupo de mulheres dirigiu-se ao ginásio para falar com o padre. Este, recusando-se a recebê-las, mandou dizer que não aumentava o preço e que quem quisesse lavar que lavasse e que não quisesse, que fôsse embora.

As lavadeiras postaram-se então na porta do ginásio e mandaram dizer ao padre que queriam falar com ele pessoalmente, a fim de protestar contra a exploração de que são vítimas.

O padre-ministro, vendo a firmeza e a decisão das lavadeiras em obter o aumento, resolveu mandar chamá-las e declarou que concedia um aumento de Cr\$ 1,00 por mala de roupa.

Diante dessa primeira vitória, as lavadeiras de Batatais estão decididas a reforçar sua união e ir mesmo à greve, caso o padre não cumpra a promessa. Elas já estão compreendendo que só unidas é que poderão defender os seus legítimos direitos.

Vida de MOMENTO FEMININO

AUMENTARAM SUAS COTAS:

PARANÁ — CURITIBA

Leia Schimidt mais 30 ex.s
PONTA GROSSA
 Sebastiana Araujo mais 5 exs.

PERNAMBUCO — RECIFE

Juracy de Goes mais 100 exs.

RIO GRANDE DO NORTE — MOSSORO'

Maria F. Maciel mais 30 exs.

RIO DE JANEIRO — MACAÉ'

Zilda de Vasconcelos Aguiar mais 10 exs.

SÃO PAULO — AMERICANA

Maria Pironato mais 5 exs.
ASSIS
 Zilda Luporeli mais 30 exs.
FRIGORIFICO
 Sebastiana F. Silva mais 5 exs.
JUNDIAI
 Isabel Tasca mais 10 exs.
MOGI DAS CRUZES
 Carlos Guedes Vieira mais 25 exs.

NOVOS REPRESENTANTES:

MARANHÃO — S. LUIZ

Myra C. Moreira Lima com 30 exs.

BAHIA — PARAMIRIM

Aurélio Rocha com 5 exs.

SÃO PAULO — CAMPINAS

Ermínia Carvalho Trefilio com 5 exs.

DIMINUIRAM SUAS COTAS:

MINAS GERAIS — NOVA LIMA

Gerolivia C. Santos menos 10 exs.
PORTO NOVO
 Edith Martins menos 15 exs.

RIO GRANDE DO SUL — RIO GRANDE

Talitha Aveline menos 80 exs.

SÃO PAULO — BATATAIS

Jandira L. Teixeira menos 20 exs.
LINS
 Elvira Rodrigues menos 15 exs.

Presente de Aniversário

ESTA' lançada a grande «Ação entre amigos» comemorativa do 5º aniversário do nosso querido jornal, que será festejado no dia 25 de julho próximo. A postos, caras amigas de MOMENTO FEMININO para a venda de todos os bilhetes, cujo produto será o presente que lhe será oferecido! Todas nós conhecemos as dificuldades financeiras que tem nosso jornalzinho e, naturalmente, desejamos auxiliá-lo com a quantia resultante dessa rifa. O sorteio será pela Loteria Federal do dia 30 de julho, pelo que pedimos que não atrazem na prestação de contas dos bilhetes.

Já expedimos as cotas de cada amiga e representante, pedindo que acusem o recebimento e, caso contrário, reclamem a falta do mesmo, porque então houve extravio.

Tudo pela venda total dos bilhetes! Tudo pelo êxito completo do esperado «Presente de Aniversário»!



A mulher de cinema

Yolandino Maia

Cena do filme italiano «O Caminho da Esperança» (Il Cammino Della Speranza), realização premiada no Festival de Cinema de Kalovy Vary, Tchecoslováquia, dirigida por Pietro Germi e interpretada por Elena Varzi, que podemos ver na foto. Este filme será distribuído no Brasil pela ART-FILM.

PARA fazer um retrospecto minucioso da presença da mulher no cinema, teríamos que principiar por Francisca Bertini, estrêla do velho cinema italiano ou Mary Pickford, do cinema norte-americano, indiscutivelmente duas artistas que marcaram época nos primórdios do cinema.

Porém, não somente como estrêla a mulher tem oferecido a sua valiosa contribuição ao cinema. Como diretora, podemos citar Olga, uma cineasta soviética com a sua realização «Aldeia do Pecado» e, agora, Wanda Jakubovska, diretora de «Última Etapa», filme polonês, onde foram focalizados os tenebrosos dias de sofrimento nos campos de concentração.

No Brasil, Gilda de Abreu, dentro das limitações conhecidas e na América do Norte, Ida Lupino, para não citarmos Maya Deren, com seus exquisitos filmes de «avant-gard».

Contudo, torna-se importante, no momento atual, registrarmos, sobretudo, o valor da mulher nos filmes, como veículo das mensagens de suas histórias.

No cinema de Hollywood, se há alguns anos a mulher era alvo de exageradas atenções, tratada como coisa frágil para o homem cobrir de jóias e sêdas, cuidar e venerar ajoelhado a seus pés, nos sofás dos «bourdoirs» ou nas escadarias do teatro de revista Ziegfield, hoje, embora seja ainda um objeto de adorno, serve também como atração para as bofetadas, dos galãs tirânicos, transformadas em pernas para o erotismo das platéias ou para prestar serviços na campanha guerreira ou policial, vestindo personagens de mulheres auto-suficientes como WACS ou detetives.

No cinema francês é quase sempre um adorno de cama ou salão, no inglês é complicada como Ann Todd no «Sétimo Véu», vivendo problemas psicológicos e, no mexicano, quando foge das magníficas realizações como «Maria Candelária», «Pérola» e outras produções nativistas, infalivelmente são «Pecadoras» «Perdidas» ou «Santas» de prostíbulo, rumbeiras da classe de Maria Antonieta Pons ou Ninon Sevilla.

No cinema italiano, a mulher tem encontrado mais oportunidade para ser colocada em sua alta missão como companheira do homem na vida cotidiana e nas lutas sociais, como a espôsa do operário de «Ladrões de Bicicletas» ou a operária que morre em «Roma, cidade aberta», procurando defender o seu espôso perseguido pela polícia fascista. Já em «Arroz Amargo», com tôdas as boas intenções do honesto diretor Giusepe de Santis, o mesmo não aconteceu. As camponesas que compõem no filme, portam-se, dentro ou fora do alojamento, como se fôsem inquilinas de um bordel.

É no cinema polonês atual ou no tchecoslovaco que iremos encontrar a perfeita presença da mulher, para não nos determos no cinema soviético com «Arco Iris» ou «Moça 217».

Em «Última Etapa» Wanda Jakubovska ofereceu uma galeria de heroínas que podem servir de padrão universal para tôdas as mulheres. A médica que é torturada e não trai as companheiras e a jovem judia que é sentenciada, são dos magníficos registros da presença da mulher no cinema.

Em «Barricada muda», filme tchecoslovaco exibido recentemente no Rio, iremos encontrar afirmações de elevado caráter participante da mulher. Numa cena de grande beleza heróica, uma ex-prisioneira libertada pelos guerrilheiros das barricadas de Praga, luta até o fim, emprestando ânimo a seus companheiros de luta. E, uma das mães que perderam seus filhos, enfrenta os nazistas com um fuzil, até cair inerte sobre a bandeira de sua pátria.

Para terminar citaremos «A moça dos cabelos brancos», filme chinês que é também, pelas informações que já temos, um glorioso exemplo de heroísmo da presença da mulher do cinema.



Dois encantadores modelos
de blusas em sêda branca
ou fustão